



Nativos Digitais ou Navegadores Errantes? Educação para os Média e Formação de Leitores no Século XXI¹

Dulce Helena M.R. Melão²

Resumo: Na última década, temos vindo a assistir a mudanças profundas na forma como comunicamos e lidamos com a plethora de informação que chega até nós. Tal (r)evolução repercute-se na Escola, implicando uma reflexão permanente sobre as interações dos alunos com o novo mundo digital. Assim, os objetivos desta comunicação serão: a) fazer uma breve revisão de literatura sobre o estado da arte do debate em torno da hipotética dicotomia nativos/imigrantes digitais, aferindo o seu impacto no plano educacional; b) discutir quais as competências de leitura requeridas no quadro abrangente da Educação para os Media, face à atual dieta mediática dos jovens, mormente o seu uso incrementado da Internet; c) rever o perfil atual do leitor, apreciando a necessidade de implementação de estratégias de leitura online que possam fomentar competências em literacia mediática. Conclui-se que há necessidade de refletir sobre novas estratégias de leitura online que sustentem uma apreciação crítica dos conteúdos dos media, objetivando uma cidadania proactiva.

Palavras-chave: Educação para os Media, nativos digitais, leitura online, cidadania.

Abstract: Last decade has seen profound changes in the way we communicate and deal with the vast amount of information which pervade our lives. Such (r)evolution has repercussions at School, calling for a permanent reflection about the ways in which students interact with the new digital world. Thus, this paper aims at: a) doing a brief literature review about the state of the art of the debate on the hypothetical dichotomy digital natives/digital immigrants, evaluating its impact for education; b) discussing which reading skills are required to consolidate media literacy, considering the actual media diet of young people, mainly their incremented use of the Internet; c) reviewing the actual reader's profile, assessing the need to implement online reading strategies that might enhance media literacy competencies. It is concluded that there is the need to reflect upon the design of new reading online strategies for thinking critically about media contents, aiming at the enhancement of a proactive citizenship.

Keywords: Education for the Media, digital natives, online reading, citizenship.

Introdução

O advento e consolidação das TIC trouxe novos desafios para o campo da educação, instigando a (re)configuração de práticas em contexto de sala de aula que acompanhem tal (r)evolução. Um dos pilares de sustentação da defesa de tais práticas assenta na convicção de que estamos perante uma nova geração, a dos nativos digitais,

¹ Trabalho apresentado no GT – Educação para os Media do VII Congresso da SOPCOM, realizado de 15 a 17 de Dezembro de 2011.

² Doutoranda em Didática e Formação e assistente convidada na Escola Superior de Educação de Viseu. Email: dulcemelao@esev.ipv.pt.

supostamente caracterizada, na sua globalidade, pelas capacidades excepcionais para se integrar no atual tecido tecnológico e conseqüentemente, interagir de forma mais ativa (e porventura mais crítica) com os media na era digital.

À luz da relevância do tópico exposto, coloca-se a questão: de que modo a Escola poderá contribuir para a formação de leitores que, no século XXI, têm de assumir um posicionamento crítico face à informação que lhes é facultada, em distintos formatos, pelos media digitais? Face à complexidade implicada em tal desafio, parece-nos revestir-se de importância aferir da necessidade de perseguir objetivos de leitura mais ambiciosos que vão ao encontro do contato permanente dos jovens com múltiplas fontes de informação que lhes solicitam inúmeras competências de aferição crítica.

Nesta reflexão faremos, em primeiro lugar, uma breve revisão de literatura sobre o estado da arte do debate em torno da hipotética dicotomia nativos/imigrantes digitais, aferindo de que modo se poderá repercutir no plano educacional. Em segundo lugar, o nosso objetivo será discutir quais as competências de leitura requeridas no quadro abrangente da Educação para os Media, face à atual dieta mediática dos jovens, mormente o seu uso incrementado da Internet. Em terceiro lugar, procuraremos rever o perfil atual do leitor, face às metas de aprendizagem recentemente traçadas para o ensino básico, apreciando a necessidade de implementação de estratégias de leitura *online* que possam fomentar competências em literacia mediática.

Conclui-se que há necessidade de refletir sobre novas competências de leitura exigidas aos alunos no quadro da Educação para os Media, bem como sobre o contributo da Escola para renovar práticas de ensino e aprendizagem que favoreçam ler os media de forma crítica, de modo a que as múltiplas janelas quotidianamente abertas nos ecrãs que rodeiam hoje os alunos lhes facultem o desejado acesso ao exercício da cidadania proactiva.

1. Nativos digitais/imigrantes digitais – breve revisão de literatura

Face aos desenvolvimentos a nível tecnológico que invadiram o nosso quotidiano nas últimas décadas, tem vindo a emergir, no seio da academia, uma distinção entre “nativos” e “imigrantes” digitais, a qual, supostamente, não deverá ser ignorada, dadas as suas possíveis implicações ao nível das metodologias de ensino e

aprendizagem implementadas nas Escolas. Esta distinção, cunhada por Prensky (2001a; 2001b) no início do corrente milénio, funda-se na convicção de estarmos perante uma nova geração de alunos – os nativos digitais – para os quais as atuais metodologias não serão adequadas, dada a sua convivência, desde cedo, com práticas digitais distintas das adotadas pelos professores em contexto escolar.

Na senda de Prensky, outros autores defendem a necessidade absoluta da Escola ir ao encontro desta “geração digital” (por e.g., JONES-CAVALIER; FLANNINGAN, 2007; LEVIN; ARAFETH, 2002; OBLINGER; OBLINGER, 2005), apontando para o facto destes estudantes (que nasceram entre 1980-1994): (1) aprenderem de modo diferente; (2) serem proficientes em “multitasking”; (3) dependerem da tecnologia para aceder à informação e interagir com outros; (4) viverem completamente mergulhados na tecnologia.

No entanto, recentemente esta distinção tem sido alvo de aceso debate, mormente pelo facto de generalizar as características dos estudantes, encarando-os enquanto massa homogénea constituída por elementos idênticos entre si, partilhando uma relação proficiente com a tecnologia. Assim, Bayne e Ross (2007) consideram a distinção nativo/imigrante perigosa, defendendo que oblitera parâmetros socioeconómicos e fatores tais como a idade e o género dos estudantes, reduzindo-os a uma entidade una.

Os autores chamam igualmente a atenção para três aspetos aos quais deverá ser atribuída relevância no quadro de uma reflexão sobre esta temática: (1) a posição ambígua em que o professor é colocado, olhado enquanto imigrante com dificuldades em atingir a desejada mudança e, ao mesmo tempo, sendo obrigado a alterar os seus métodos de ensino e aprendizagem para se adaptar à entidade “nativo digital”; (2) o que denominam de “marketised public discourse”, indo ao encontro das necessidades de mercado das instituições, as quais não configuram, obrigatoriamente, uma preferência dos alunos no que respeita à mudança de metodologias na sala de aula; (3) o facto de a distinção digital/imigrante ser uma metáfora que se pode tornar problemática, no que diz respeito ao posicionamento dos indivíduos em geral face à tecnologia.

Kennedy, Dalgarno, Bennet, Judd, Gray e Chang (2008) contestam, por seu turno, a validade da divisão digital entre alunos e professores, relativamente ao seu uso da tecnologia. Assim, os resultados do estudo empírico que realizaram em contexto universitário permitiram evidenciar que embora os respondentes mais novos desenvolvessem mais atividades identificadas através de parâmetros como “standard

mobile use”, “advance mobile use”, “gaming” e “standard web and music”, existiam apenas pequenas diferenças, sendo mais relevante a falta de familiarização dos estudantes e dos professores com as tecnologias emergentes (surgindo ambos no mesmo patamar).

Na recente revisão de literatura sobre o debate em torno da hipotética existência de uma geração de “nativos digitais” oposta aos “imigrantes digitais”, Bennett, Maton e Kervin (2008) encaram com prudência a reconfiguração de métodos de ensino e aprendizagem supostamente requerida por tal geração imersa na tecnologia. Assim, os autores sublinham que a utilização da tecnologia em casa e na Escola assume papéis distintos, existindo necessidade de reavaliar, do seu ponto de vista, os desafios da leitura *online* e o desenvolvimento do pensamento crítico postulado por esta última. Assim, defendem a necessidade de estudar de forma mais aprofundada de que modo os estudantes interagem positivamente com a tecnologia, mormente em tarefas académicas de exigência renovada, rejeitando a uniformidade do rótulo “nativo digital” e evidenciando a complexidade de que se reveste o atual debate.

Em 2009, Prensky, o criador da dicotomia digital/imigrante, reviu a distinção antes defendida, sugerindo que atualmente o termo “digital wisdom” se reveste de maior sentido, reportando-se, nas palavras do autor, à sabedoria que advém “*from the use of digital technology to access cognitive power beyond our innate capability and to wisdom in the prudent use of technology to enhance our capabilities*” (itálicos do autor). Prensky defende, assim, que estamos perante o que denomina de *homo sapiens digital* cujas características transcendem a diferença geracional implicada na distinção nativo/imigrante, centrando-se, antes, no indivíduo que aceita o “digital enhancement” enquanto facto integral da existência humana. Eliminando o contraste inicial e centrando-se, agora, na responsabilidade de cada um para uma inserção mais harmoniosa numa sociedade na qual a tecnologia está imbricada, o autor abre espaço a uma reflexão mais ampla sobre o estado atual do indivíduo face ao mundo digital que o rodeia.

2. O uso de media pelos jovens e a navegação na Internet

Se a distinção entre nativos e imigrantes digitais aparenta ser redutora, é hoje consensual que o uso de media por parte dos jovens mudou e que estes últimos acedem,

cada vez mais cedo, à Internet, exigindo a mudança operada, do nosso ponto de vista, uma reflexão renovada por parte da comunidade educativa.

O relatório *E-Generation: os usos de Media pelas crianças e jovens em Portugal* (2007) retrata tal mudança, apresentando resultados que dão conta do facto da dieta mediática das crianças e jovens ter sofrido alterações de considerável relevo. Assim, o cruzamento de dados de dois projetos que permitiu mapear os estilos mediáticos de jovens, caracterizando contextos e usos de media, possibilitou aferir que a socialização hodierna dos jovens se insere num tipo de cultura “comparável às janelas de um sistema operativo” (CARDOSO; ESPANHA; LAPA, 2007, p. 413), permitindo formas multifacetadas e integradas de experienciar os media.

Os resultados obtidos através da análise do inquérito efetuado aos respondentes *online* a jovens utilizadores da Internet evidenciaram que quase todos usam um processador de texto para fazerem trabalhos da escola e quase três terços apresentam trabalhos através de *powerpoint* ou de páginas *web* – uma realidade muito diferente da encontrada há dez anos atrás, postulando novas formas de produção e consumo de informação que merecem acompanhamento.

Os dados recolhidos pelo EU Kids Online (2010) confirmam também a existência de uma nova paisagem mediática na qual crianças e jovens se integram quotidianamente em atividades realizadas em casa e na Escola. Respeitando dados recolhidos na Primavera/Verão de 2010, em vinte e cinco países europeus, incluindo Portugal, o inquérito pinta o retrato de uma sociedade europeia digital na qual o uso da Internet é uma realidade diária para 60% dos utilizadores dos nove aos dezasseis anos. É particularmente relevante o facto de, em todos os países, um terço das crianças com nove/dez anos usar a Internet diariamente.

O recente relatório da Ofcom (Abril, 2011) oferece também uma importante fonte de reflexão sobre as mudanças operadas no que concerne os usos de media pelos jovens, embora se reporte exclusivamente ao Reino Unido e pretenda aferir a literacia mediática dos jovens e pais/educadores, estabelecendo comparações com relatórios de anos anteriores (entre 2007 e 2010). Assim, no relatório é sublinhado que cada nove em dez crianças dos 5 aos 15 anos (87%) vivem numa casa com acesso à Internet via PC ou Laptop, tendo tal acesso aumentado globalmente entre 4% a 6% relativamente a 2010. O tempo passado *online* aumentou igualmente desde 2009, sobretudo nas faixas etárias dos cinco aos sete anos e dos doze aos quinze anos.

Um aspeto que nos parece relevante realçar prende-se com a atitude crítica dos jovens quando navegam na Internet. Assim, o relatório aponta para o facto de 44% dos jovens entre os doze e os quinze anos que usam motores de busca fazerem algum tipo de juízo crítico sobre os mesmos, partindo do princípio que alguns serão credíveis, outros não (não são mencionados quais os parâmetros envolvidos em tal escolha). Pensamos ser igualmente de destaque que, à semelhança de 2009, 31% dos jovens nesta faixa etária acredite que se o motor de busca facultar informação, tal significa que esta terá credibilidade.

Como frisou recentemente Gómez (2011, p. 17), as crianças e jovens de hoje vivem num tempo de “revolução cultural e tecnológica”, marcada pelos ecrãs, que irá definir e delimitar de modo diferente os seus hábitos de vida e as suas perceções. Tal “revolução” implica, assim, de acordo com o autor, um esforço de adequação por parte da Escola de modo a configurar um processo de alfabetização que vá ao encontro das necessidades de uso e consumo das “novas linguagens de comunicação e informação” das crianças e jovens, potenciando e consolidando a leitura crítica das mesmas.

Assim, na secção seguinte, procuraremos refletir sobre a evolução operada no que respeita à leitura e de que modo desafia hoje os jovens que “navegam” na Internet a prosseguir por rotas que lhes exigem competências multifacetadas. Como sublinham Viana e Martins (2009), trata-se de uma navegação num novo mundo do qual têm que expurgar criticamente “o excesso e deficiência de qualidade” (VIANA; MARTINS, 2009, p. 11), pois, “a quantidade de informação que circula na sociedade moderna impede que qualquer ser humano a possa abarcar nos mesmos moldes em que o fazia no passado” (BALULA, 2007, p. 116).

3. Novos percursos de leitura e Educação para os Media

a) Ler em tempo e modo digitais

Partilhamos com Ceia a convicção de que “se estivermos educados na leitura saberemos sempre encontrar espaço no mundo da comunicação tecnológica para não só ler mas também ler de forma diferente” (citado por VIANA; MARTINS, 2009, p. 13-14). Importa, porém, não excluir de uma reflexão sobre a Educação para os Media e a formação de leitores, o facto de a convivência do suporte impresso com o digital

implicar novos desafios e exigir competências de leitura de diversa ordem. Em nosso entender, tais competências desempenham um papel central na Educação para os Media entendida enquanto “conjunto de processos, de conteúdos e de iniciativas tendentes a promover o uso esclarecido, a compreensão crítica e a atitude activa e criativa, face à informação e aos media” (PINTO; PEREIRA; PEREIRA; FERREIRA, 2011, p. 148).

Múltiplos estudos têm vindo a sublinhar as diferenças entre a leitura *online* e a leitura do material impresso (por e.g., COIRO, 2011; HENRY, 2006; LEU; KINZER; COIRO; CAMMACK, 2004), postulando a necessidade de novas competências por parte dos alunos para que possam usufruir em pleno do ato de ler. Tais competências relacionam-se com parâmetros que vão do conhecimento prévio do motor de busca e do *website* à configuração da própria página *web* e às múltiplas e complexas escolhas que o leitor tem de fazer para construir o seu percurso de leitura *online*.

Assim, a investigação realizada tem lançado luz sobre um aspeto que nos parece relevante para uma avaliação crítica dos media sustentadora de uma cidadania responsável e ativa: a “desorientação” do leitor quando procura informação na Internet e a sua dificuldade em compreender, em pleno, os resultados da pesquisa efetuada, seleccionando percursos de leitura que permitam analisar criticamente a qualidade e a credibilidade de tal informação.

Cardoso, Espanha e Lapa (2007, p. 42) concluíram que um grande número de jovens procura informações em páginas web para estudar ou fazer trabalhos, facto indiciador da necessidade da promoção de competências que possibilitem levar tal tarefa a bom porto (dado o manancial de informações com o qual lidam diariamente).

No recente relatório da Ofcom (2011, p. 37) é revelado que a maioria das crianças entre os oito e os onze anos utiliza a Internet, pelo menos uma vez por semana, para fazer trabalhos escolares (68%), enquanto 40% o faz em busca de informação. Na faixa etária entre os doze e os quinze anos, o uso da Internet para o trabalho escolar situa-se nos 86% e a busca de informação nos 66%.

Os resultados aferidos pelo PISA 2009 que abarca, relativamente à componente “digital reading option”, os resultados relativos a dezanove países (Portugal não se encontra incluído) indicam, por seu turno que 51% dos estudantes procuram informação *online* (OECD, 2011, p. 133-134), tarefa que envolve atividades como ler notícias, usar o dicionário, procurar informação para aprender sobre determinado tópico e buscar informação de carácter prático. Assume aqui relevância o facto de os estudantes “who

reported frequent online searching-information activities also read a diversity of print material more frequently, and more often enjoyed reading” (OECD, 2011, p. 137).

Por outro lado, tendo em consideração o tempo que passa *online*, o leitor atual depara-se fortemente com operações de predição, avaliação e integração de informação, as quais, embora sejam usadas pelo leitor nos formatos de leitura impressa tradicionais, ganham uma dimensão mais desafiadora pela multiplicidade de códigos que tem que dominar de modo proficiente. Assim, tal como é frisado no PISA 2009, os leitores têm que decidir quais os *links* pelos quais devem optar para aceder à informação de diferentes páginas do mesmo website, “or they may need to use tabs to view and compare information from different websites. The reader needs to navigate to survey what is available, to compare, contrast and filter the material, and to synthesize information” (OECD, 2011, p. 43).

A leitura *online* e a leitura de textos impressos instalarão, pois, obrigatoriamente, protocolos de leitura distintos que exigirão que o leitor ponha em prática um conjunto de operações diversificadas que conduzam à compreensão, em pleno, do mesmo.

b) Os media ao encontro do leitor na Escola

Os media vão hoje ao encontro do leitor em múltiplos lugares e tempos, face ao incremento da tecnologia em diversas áreas. Em nosso entender, é necessário, possível e desejável que a área curricular de Português seja um espaço privilegiado de implementação de percursos que alarguem os horizontes dos estudantes, incrementando os aspetos que Daunic (2011, p. 209) considera “at the core of the work of media literacy educators today: to help students develop the ability to ACCESS, ANALYSE, EVALUATE and COMMUNICATE information in a variety of forms” (maiúsculas do autor).

Nas recentemente instituídas “metas de aprendizagem” para o ensino básico no domínio “Tornar-se leitor” encontramos um conjunto de parâmetros que nos parecem ir ao encontro de alguns dos objetivos a gizar no quadro de uma Educação para os Media. O cruzamento destas metas com os novos Programas de Português homologados em 2009 permite ilustrar algumas orientações atuais, respeitantes à implementação de tais objetivos na Escola, em cada um dos ciclos:

1.º CICLO	
Novos Programas de Português	Metas de Aprendizagem Domínio: “Tornar-se leitor”
- Textos não-literários sugeridos: “textos dos <i>media</i> : notícia, reportagem, entrevista, publicidade.”	- Subdomínio: Estudo e Construção de Conhecimentos
Descritores de desempenho relativos à leitura, 3.º e 4.º ano:	Meta final: “O aluno procura espontaneamente informação sobre assuntos abordados na escola, em fontes impressas ou digitais.”
- “Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de actividades ou tarefas;”	- Subdomínio: Formação do Gosto Literário
- “Encontrar num enunciado a informação necessária à concretização de uma tarefa a realizar;”	Meta final: “O aluno procura e regista informações sobre o autor (e.g.: em contacto directo, através de pesquisa em sítios da Internet indicados pelo professor).”
- “Dominar o léxico do livro e da leitura e dos meios informáticos de acesso à informação;”	
- “Dominar as técnicas que, em suporte de papel e informático, permitem aceder à informação (Ex.: consulta de índices e ficheiros);”	
- “Localizar a informação a partir de palavras ou expressões-chave (Ex.: Treino, na biblioteca ou no centro de recursos, de pesquisa em suporte de papel (índices, ficheiros,..) e informático (endereço, motores de busca...) por palavras, por expressão...)” (Reis <i>et al.</i> , 2008, p. 38).	

Quadro 1

2.º CICLO	
Novos Programas de Português	Metas de Aprendizagem Domínio: “Tornar-se leitor”
- O referencial de textos não literários no domínio da leitura inclui, entre outros: textos dos <i>media</i> : (notícia, reportagem, texto de opinião, crítica, entrevista, publicidade); blogue, fórum.	- Subdomínio: Estudo e Construção de Conhecimentos
Descritores de desempenho relativos à leitura:	Meta final: “O aluno procura espontaneamente informação sobre assuntos abordados na escola, em fontes impressas ou digitais.”
- “Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de actividades ou tarefas” (Enunciados em suporte de papel – impresso, manuscrito – e em suporte informático e audiovisual);” (Reis <i>et al.</i> 2008, p. 83)	- Subdomínio: Formação do Gosto Literário
- “Explicitar processos de construção do sentido de um texto multimodal (Reformulação parcial ou total, por ex., através da combinação da palavra escrita com sons, imagens fixas ou em movimento...)” (Reis <i>et al.</i> 2008, p. 85).	Meta final: “O aluno confronta informação sobre a vida ou a obra de um autor, recolhida em obras de referência ou sítios da Internet, e regista os elementos relevantes.”

Quadro 2

3.º CICLO	
Novos Programas de Português	Metas de Aprendizagem Domínio: “Tornar-se leitor”
<p>- O referencial de textos não literários no domínio da leitura inclui, entre outros: notícia; reportagem; entrevista, texto de opinião; crítica; comentário; textos de blogues e fóruns de discussão; propaganda; material de publicidade (Reis <i>et al.</i>, 2008, p. 141).</p>	<p>- Subdomínio: Estudo e Construção de Conhecimentos</p> <p>Meta Final – “O aluno rentabiliza de forma estratégica os recursos disponíveis em bibliotecas (suporte de papel, digital, multimodal).”</p>
<p>Descritores de desempenho relativos à leitura:</p>	
<p>- “Definir uma intenção, seguir uma orientação e seleccionar um percurso de leitura adequado (Activação de estratégias variadas de leitura: global, selectiva, analítica; leitura a partir de diferentes suportes da informação (texto impresso, texto visual, texto digital, texto audiovisual);</p> <p>- Utilizar, de modo autónomo, a leitura para localizar, seleccionar, avaliar e organizar a informação.” (Reis <i>et al.</i>, 2008, p. 123).</p>	<p>- Subdomínio: Formação do Gosto Literário</p> <p>Meta Final – “O aluno usa a informação sobre autores, contextos históricos e culturais, recolhida em obras de referência ou sítios da Internet, para obter informação para a compreensão e interpretação de obras literárias.”</p> <p>Meta Final – “O aluno apresenta, oralmente ou por escrito, experiências de leitura e opiniões sobre obras literárias, em actividades de socialização da leitura (e.g.: fóruns de leitores presenciais e no ciberespaço).”</p>
<p>Descritores de desempenho relativos à escrita:</p>	
<p>- “Assegurar a legibilidade dos textos, em papel ou suporte digital (ex., considerar a mancha gráfica, a utilização de parágrafos para organizar o conteúdo do texto, a função das ilustrações, a produção de índices);”</p> <p>- “Utilizar com critério as potencialidades das tecnologias da informação e comunicação nos planos da produção, revisão e edição de texto” (Reis <i>et al.</i>, 2008, p. 127);</p> <p>- “Utilizar os recursos tecnológicos para desenvolver projectos e circuitos de comunicação escrita (Promoção de formas variadas de circulação das produções dos alunos, em suporte de papel ou digital (jornal de escola ou de turma; antologias; exposição de textos; blogue; página de Internet da escola, da turma ou pessoal), prevendo circuitos de comunicação que assegurem a finalidade social dos escritos)” Reis <i>et al.</i>, 2008, p. 128).</p>	

Quadro 3

Analisando os parâmetros sucintamente apresentados acima, verificamos que parecem estar criadas as condições para que a área curricular de Português seja cada vez mais um espaço privilegiado para enquadrar uma abordagem multifacetada e crítica dos media, já que vai ganhando relevo, ao longo dos diferentes ciclos, a prossecução de

objetivos centrados na compreensão e produção de instrumentos digitais e impressos que abrem caminho ao fomento do processamento crítico da informação.

As metas de aprendizagem destacadas apontam também para uma formação leitora que possa contemplar no cerne da sua consolidação estratégias de leitura através das quais a busca, seleção e avaliação na informação, sejam atividades fundadoras de competências de cidadania.

No entanto, parece-nos ausente dos novos programas de Português a definição de um conjunto de pressupostos que claramente evidenciem a consciência da necessidade de os alunos, desde cedo, dominarem estratégias de leitura *online* e de sobre elas refletirem criticamente, de modo a que consolidem competências metacognitivas que possam fortalecer o seu exercício de cidadania.

A investigação tem apontado para um conjunto de estratégias a implementar na sala de aula, de modo a favorecer uma integração mais harmoniosa dos conhecimentos prévios dos alunos com o mundo aberto em permanência *online*. Henry (2006:618) sugere um modelo que poderá, em seu entender, ter repercussões imediatas na leitura *online*, o qual apelida de “SEARCH”: “1. Set a purpose for searching; 2. Employ effective search strategies; 3. Analyze search-engine results; 4. Read critically and synthesize information; 5. Cite your sources; 6. How successful was your search?”

O autor propõe que cada um dos passos citados seja mediado pelo professor que terá de encorajar o aluno a pensar em voz alta sobre as escolhas que pretende fazer, estabelecendo objetivos claros e rigorosos desde o início, para que cada etapa seja devidamente compreendida (concedendo, por exemplo, tempo suficiente para ler criticamente o material apresentado).

Este modelo poderia, em nosso entender, ser alargado para adicionalmente contemplar uma análise crítica do papel atual dos media na sociedade, bem como das relações entre os conteúdos produzidos e colocados *online* e os materiais impressos, de modo a que os alunos tivessem aguda consciência da sua relevância. Tal permitiria igualmente ir ao encontro dos objetivos traçados pela UNESCO no Media and Information Literacy Curriculum for Teachers (2011, p. 61) relativamente à efetiva compreensão da miríade de papéis assumidos pelos media na sociedade atual.

A investigação que incide no desenvolvimento de novas literacias apoiadas, na Escola, pela definição e implementação de estratégias de compreensão leitora *online* (COIRO, 2011; COIRO; DOBLER, 2007), dado o seu caráter imprescindível para uma

visão integrada do mundo que hoje nos rodeia, poderá igualmente ser uma das linhas de reflexão futura no quadro da Educação para os Media.

A formação do leitor do século XXI será, pois, em nosso entender, um dos aspetos mais relevantes a considerar no atual e futuro desenho da Educação para os Media, enquanto fator distintivo de participação ou exclusão na era digital.

Conclusão

A distinção entre nativos e imigrantes digitais aparenta ser redutora, caindo na falácia das generalizações e deixando de lado parâmetros ao nível socioeconómico, de género e do background ético/cultural da apodada “geração digital” que não podem ser ignorados. Assim, é necessário fazer investigação conducente a resultados de maior rigor e abrangência em termos de amostra que possibilitem tirar ilações com uma repercussão realista para a aprendizagem dos alunos.

A análise da dieta mediática dos jovens baseada num conjunto de relatórios a nível nacional e internacional, possibilitou lançar luz sobre o papel que hoje os jovens atribuem à Internet, frisando a indispensabilidade de conferir sentido ao manancial permanente de informação que vai ao seu encontro. A necessidade de analisar criticamente tal manancial de informação é hoje uma realidade que a Educação para os Media pode, em múltiplas vertentes, colmatar, promovendo a consolidação do uso integrado de novas “linguagens de comunicação e informação”. Assim, a dieta mediática dos jovens deverá continuar a ser alvo de monitorização, de modo a que possamos aprofundar a reflexão sobre o seu possível impacto dentro e fora da Escola.

Na terceira parte desta reflexão, discutiu-se o enquadramento fundamental da formação do leitor no século XXI no âmbito da Educação para os Média, concluindo-se da necessidade, face ao tempo que os jovens passam *online*, da definição e implementação de estratégias de leitura *online* que favoreçam a compreensão e fruição em pleno da informação veiculada em formato digital.

O cruzamento dos novos programas de Português do ensino básico com as metas de aprendizagem do domínio “Tornar-se leitor” possibilitou colocar a hipótese de inclusão futura em tais documentos orientadores, de pressupostos que forneçam indicações claras para a promoção do ensino de estratégias de leitura *online* que possam conduzir os leitores a adotar um posicionamento crítico mais consolidado, face ao mundo cada vez mais global em que nos movemos.

Em *O Conto da Ilha Desconhecida*, o narrador conclui que “[T]odas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcarmos nelas” (SARAMAGO, 2007, p. 21). Em nosso entender, um dos maiores desafios da próxima década será formar leitores/navegadores proficientes ao leme da informação e da comunicação, capazes de desembarcar com confiança em todas as ilhas.

Referências

BALULA, J. P. R., Estratégias de leitura funcional no ensino/aprendizagem do Português. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Aveiro. Aveiro, 2007.

BAYNE, S.; ROSS, J., The ‘digital native’ and ‘digital immigrant’: a dangerous opposition. Paper presented at the Annual Conference of the Society for Research into Higher Education, 2007. Acedido em: 25/07/2011.
http://www.malts.ed.ac.uk/staff/sian/natives_final.pdf

BENNETT, S.; MATON, K.; KERVIN, L., The ‘digital natives’ debate: a critical review of the evidence. Em: *British Journal of Educational Technology*, 2008, vol.39, n.5, pp. 775-786.

CARDOSO, G. (Coord.); ESPANHA, R.; LAPA, T., *E-Generation: os usos de media pelas crianças e jovens em Portugal*, CIES-ISCTE. Lisboa, 2007.

COIRO, J., Talking about reading: modeling the hidden complexities of online reading comprehension. Em: *Theory into Practice*, 2011, vol.50, n.2, pp. 107-115.

DAUNIC, R., “10 years of media literacy education in K-12 Schools”. Em: *Journal of Media Literacy, Education*, 2011, vol.3, n.1, pp. 209-210.

EU KIDS ONLINE PORTUGAL. Acedido em 24/04/11.
<http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/2010>

GÓMEZ, J. I. A., “Pantallas en la sociedad audiovisual: edu-comunicación y nuevas competências”. Em: PEREIRA, S. (Org.) Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania”, 2011. Braga, 2011, pp. 11-22.

GRIZZLE, A.; WILSON, C. (Eds.), Media and information literacy. Curriculum for teachers, UNESCO. Paris, 2011. Acedido em 29/07/11.
www.unesco.org/webworld

HENRY, L. A., “SEARCHing for an answer: the critical role of new literacies while reading on the internet”. Em: *The Reading Teacher*, 2006, vol.59, n.7, pp. 614-627.

JONES-KAVAILER, B.; FLANNIGAN, S., Connecting the digital dots: literacy of the 21st century. Em: Educause Quarterly, 2006, n.2, pp. 8-10.

LEU, D. J. Jr.; KINZER, C. K.; COIRO, J.; CAMMARCK, D., Toward a theory of new literacies emerging from the Internet and other information and communication technologies. Em: RUDDELL, R. B.; UNRAU, N. (Eds.), Theoretical models and processes of reading, 5th edition, 2004, pp. 1568-1611. Acedido em: 9/05/09.
http://www.readingonline.org/newliteracies/lit_index.asp?HREF=/newliteracies/leu

LEVIN, D; ARAFETH, S., The digital disconnect: the widening gap between internet-savvy students and their schools, Pew Internet & American Life Project. Washington DC, 2002.

KENNEDY, G.; DALGARNO, B.; BENNET, S.; JUDD, T.; GRAY, R.; CHANG, R., Immigrants and natives: investigating differences between staff and students' use of technology. Proceedings ascilite Melbourne, 2008, pp. 484-492.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Metas de Aprendizagem. Acedido em: 29-07-11.
<http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem/dominio/?id=240>

OBLINGER, D.; OBLINGER, J., Is it age or IT: first steps towards understanding the net generation. Em: OBLINGER, D.; OBLINGER, J. (Eds.) Educating the net generation. Boulder, Co: EDUCAUSE, 2005, pp. 2.1-2.20. Acedido em: 3/01/2010.
<http://educause.edu/educatingthenetgen>

OFCOM. UK Children's media literacy. Research document, April, 2011. Acedido em: 29/07/11.
<http://www.ofcom.org.uk/medialiteracyresearch>

OECD. PISA 2009 Results: students on line: digital technologies and performance (volume VI), 2011. Acedido em: 28/07/11.
<http://dx.doi.org/10.1787/9789264112995-en>

PINTO, M. (Coord.); PEREIRA, S.; PEREIRA, L.; FERREIRA, T. D., Educação para os media em Portugal: actores e contextos. Universidade do Minho: ERC, 2011. Acedido em 30/05/11.
<http://www.erc.pt>

PRENSKY, M., Digital natives, digital immigrants, On the Horizon, vol.9, n.5, 2001a. Acedido em: 12/03/09.
<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

PRENSKY, M., Digital natives, digital immigrants, *On the Horizon*, vol.9, n.5, 2001b. Acedido em: 12/03/09.

<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives.%20Digital%20Immigrants%20-%20Part2.pdf>

PRENSKY, M., Homo sapiens digital: from digital immigrants and digital natives to digital wisdom. Em: *Innovate*, 2009, vol.5, n.3. Acedido em: 26/07/2011.

<http://inovateonline.info/index.php?view=article&id=705>

REIS, C. et al. (Org.). *Programas de português do ensino básico*, Ministério da Educação/Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa, 2008.

SARAMAGO, J., *O conto da ilha desconhecida*, 3ª edição, Editorial Caminho. Lisboa, 2007.

VIANA, F. L.; MARTINS, M. M., Dos leitores que temos aos leitores que queremos. Em: RIBEIRO, I.; VIANA, F. L. (Orgs.) *Dos leitores que queremos aos leitores que temos*. Coimbra: Almedina, 2009, pp. 9-41.